

GABRIEL DE SOUSA
BRASÍLIA

Quando as eleições eram por meio de cédulas de papel, eleitores insatisfeitos acabavam escolhendo candidatos não oficiais e os votos de protesto dos brasileiros se materializavam com criatividade. Ao longo da história, a indignação do eleitorado deu votações expressivas até para animais. Em São Paulo, o rinoceronte Cacareco “vireou” vereador; em Vila Velha, no Espírito Santo, o mosquito da dengue “conquistou” o cargo de prefeito; e, no Rio, um macaco foi o terceiro mais votado para a prefeitura da capital.

Os animais não aspiravam a cargos públicos e os votos não eram contabilizados para o resultado oficial das eleições. As candidaturas eram criadas e apoiadas por eleitores em protesto contra a classe política. De acordo com o cientista político Tiago Valenciano, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), os bichos se tornavam símbolos das cobranças feitas pelos moradores aos gestores públicos.

“A simbologia dos animais depende muito da circunstância municipal. Cada caso tem relação com o enredo de cada eleição, mas o objetivo é o mesmo: ironizar o processo eleitoral e questionar alguma demanda ou situação existente não resolvida pelos políticos”, afirmou Valenciano.

Hoje em dia, com a urna eletrônica, essa forma de se manifestar não é mais possível, como observou o especialista em Direito Eleitoral e ex-servidor do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Rafael Morgental. “Você não tem mais a liberdade da escrita, a urna, agora, te conduz a uma escolha numérica e você só pode escolher uma pessoa que está registrada como candidato ou não”, disse ele.

CACARECO. Nas eleições paulistas de 1959, o vereador mais bem votado da cidade não foi um ser humano. O grande vencedor daquele pleito foi um rinoceronte chamado Cacareco, que residia no Jardim Zoológico da cidade. O animal teve 100 mil votos, mais do que todos os outros 540 candidatos para a Câmara Municipal.

A votação de Cacareco foi tão expressiva que, a título de comparação, o partido que conquistou o maior número de votos não chegou a ter 95 mil. As cédulas com o nome do bicho foram anuladas pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP), e o rinoceronte não tomou posse no Legislativo municipal.

Cacareco ficou conhecido na cidade após o governo do Rio “emprestar” o animal para Jânio Quadros, então governador paulista, em 1958. Ao che-



— *Rinoceronte, bode, chimpanzé e até mosquito receberam voto de protesto do eleitor brasileiro*

Candidatos que tiveram uma votação animal



Da cédula de papel à urna eletrônica

Voto em papel permitia uso da cédula para o eleitor expressar frustração; voto eletrônico limita escolha a nomes registrados

gar à capital do Estado, o rinoceronte foi recebido por crianças e logo se tornou uma celebridade no município.

O carinho dos paulistanos

era tão grande que o retorno de Cacareco para a capital fluminense ocorreu sob insatisfação popular. Em 1984, a carcaça dele foi doada ao Museu de Anato-

mia Veterinária da Universidade de São Paulo (USP), onde está exposta até hoje.

EPIDEMIA. Em 1987, na cidade

capixaba de Vila Velha, o “candidato” mais votado para comandar a prefeitura foi o mosquito da dengue. Naquela época, o município enfrentava uma epidemia da doença, e os moradores culpavam a administração pública pelo avanço das infecções.

Segundo o Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo (TRE-ES), o nome do *Aedes* ☹

FOTO: ANTONIO CARLOS/REUTERS (2)

P pressreader